

8 de Janeiro de 1964

Proc. 17,40

No. 44

Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros

EXCELENCIA:

Tenho a honra de junto enviar a V. Ex. um recorte do jornal "Die Welt" contendo um artigo em que se aprecia muito favoravelmente a acção do Consul de Portugal em Nairobi, Dr. Luiz de Oliveira Nunes. Junto igualmente a respectiva tradução para português.

O referido artigo que provavelmente já é do conhecimento dessa Secretaria de Estado foi-me cedido pela Embaixada da Republica Federal Alemã nesta cidade.

A BEM DA NAÇÃO

TRADUÇÃO

"Desagradavel dever" de Jomo Kenyatta  
Portugal arreou hoje a bandeira no Kenya -  
para despedida um aperto de mão

Do nosso correspondente  
Nairobi - 23 de Dezembro

Doze dias após 12 de Dezembro, flutuava ainda no Kenya independente a bandeira duma nação que é atacada pelos Panafricanos tão fortemente como a Africa do Sul: só na vespera de Natal o Consulado de Portugal fechou as suas portas e arreou a bandeira. Ao Consul Geral Dr. Luiz de Oliveira Nunes foi-lhe ainda prestada nos seus ultimos dias no Kenya uma invulgar homenagem. Foi uma despedida sentimental.

O Consul Geral mostrou durante a sua acção de quatro anos o que um diplomata Europeu em Africa pode conseguir - mesmo quando não pode dispor de qualquer auxilio e quando sobre ele sopra o vento do Panafricanismo. Quando Nunes chegou há quatro anos ao Kenya viam-se poucos negros nas recepções das representações Europeias. Não se falava também de independencia. O Português convidou porém negros para a sua casa desde o principio.

Quando o vento dos novos tempos soprou no Kenya e os politicos Africanos foram cortejados por toda a gente e Portugal estava a receber ataques cada vez mais duros por causa da sua posição em relação a Africa, Nunes não cometeu erros. Leaders proeminentes do Kenya, como o Presidente do

Senado Chokwe, deixaram-se persuadir por ele a visitar Portugal. No regresso faziam - com espanto geral - declarações de simpatia.

Quando nasceu o dia da independencia, Nunes não fechou o Consulado como o seu colega Sul Africano. "Nós não temos nada contra os Africanos, porque deveríamos partir?" disse ele. Ele esperava que os seus muitos amigos no governo pensassem da mesma maneira. Mas na Africa Oriental opuhham-se na primeira linha contra Portugal, não os Africanos, mas os Indianos. Os Indianos tinham conseguido levar o Tanganica e o Uganda a fechar os Consulados Portugueses para que os milhares de Goeses que la vivem, os quais na sua maioria são fieis a Portugal, se vissem despojados da protecção do seu Consulado e recorressem ao Indiano. Na verdade Nunes encontrava-se entre os convidados de honra no dia de Independencia e ninguem o evitou; mas logo nos dias seguintes os jornalistas Indianos chamaram a atenção do Ministro da Justiça Tom Mboya para o facto de no Kenya flutuar ainda a bandeira de Lisboa. "Nunca visto" disse Tom Mboya, nem acontecido. Os Indianos sozinhos começaram a protestar junto de Nunes e exigiram que ele fechasse o Consulado. Finalmente no dia 16 de Dezembro um Deputado Indiano apresentou publicamente no parlamento do Kenya um protesto. O jornal Indiano controlado "Daily Nation" associou-se e os Africanos tinham que negociar. Mas a ordem de fechar o Consulado emanou não dum funcionário subalterno. O proprio Primeiro Ministro Jomo Kenyatta, chamou Nunes e lastimou o seu "desagradavel dever" de ter de lhe entregar uam nota no ambito das resoluções tomadas por todos os Estados Africanos em Addis Abeba. Assegurou que o Consulado

Geral podia ficar ainda aberto uma semana. O proprio Nunes não teria qualquer prazo de partir. Além disso deu ainda Kenyatta ao Português mais uma ocasião valiosa de esclarecer a politica de Lisboa sobre Africa. Então sacudiu a "lança Flamejante" diante dos fotografos da imprensa e deu um afectuoso e significative aperto de mão ao Consul Geral. Nunes tomou estes sucessos como um indicio de um começo de normalização com Portugal. Circulos diplomaticos no Kenya interpretaram antes como um extraordinario exito pessoal do Diplomata Luiz de Oliveira Nunes.